

FOTOGRAFIA E RELIGIÃO: A CONSTRUÇÃO IMAGÉTICA COMO MECANISMO DE SIGNIFICAÇÃO CULTURAL NA MEMÓRIA DE JI-PARANÁ/RO

Monica do Carmo Apolinário de Oliveiraⁱ

José Lucas Pedreira Buenoⁱⁱ

Lilian Maria Moserⁱⁱⁱ

Resumo: Este estudo parte de um referencial teórico alicerçado nas reflexões sobre a análise de imagens fotográficas, igualmente amparadas na prática de observação, buscando elementos visuais de significação cultural e histórica. Fazendo uso de análise semiótica e simbólica, será estudada a representação imagética da fotografia sob a perspectiva religiosa e histórica no município de Ji-paraná. Este trabalho aborda um pequeno recorte de um trabalho mais farto, desenvolvido em âmbito de dissertação de mestrado.

Palavras Chave: Fotografia, Memória, Cultura, Religião.

Abstract: This study is part of a theoretical framework based on the reflections on the analysis of photographic images, also supported the practice of observation, seeking Visual elements of cultural and historical significance. Making use of semiotics and symbolic analysis, will be studied the imagery representation of photography under the religious and historical perspective in the municipality of Ji-Paraná. This work deals with a small cutting from a longer work, developed in scope of dissertation.

Keywords: Photography, Memory, Culture, History, Religion.

Introdução:

O presente artigo faz uma análise de imagens fotográficas relacionando memória, religião e imaginário no município de Ji-Paraná. A fotografia é uma criação social e, portanto, cultural. Isto posto, este estudo pretende compreender como as imagens podem fundamentar questões culturais e fragmentos da história. O objetivo é entender a construção imagética como um corpo vivo, já que a sociedade está em incessante metamorfismo e o retratável sustenta um conjunto de significados históricos, sociais e culturais. Assim, destacamos fotografias que pertencem ao universo das representações religiosas, especialmente ligadas a História de Ji-Paraná/RO.

Para subsidiar o estudo, além do arcabouço teórico que permeia a linha dos Estudos Culturais, fizemos uso de referências ligadas à teoria da imagem e análise de conteúdo. Os documentos fotográficos, acompanhados de fichas catalográficas elaboradas por meio de entrevistas utilizados para esta análise fazem parte do banco de dados do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Rondônia – IFRO – campus Ji-Paraná, vinculados à pesquisa intitulada: Fatos e Fotos: Análise iconográfica da História de Ji-Paraná, especialmente fotografias ligadas à temática religiosa, a fim de promover a compreensão da dimensão dos documentos fotográficos na construção de determinado conhecimento histórico e cultural.

A relevância desta abordagem está em discutir a fotografia como documento e janela para descobertas. Nesse sentido, fundamentamos esta discussão na reflexão sobre as peculiaridades da mensagem imagética. Conceitos configurados simbolicamente, através das imagens da identidade dos grupos sociais, seus costumes e tradições. Nestes termos, o estudo apresenta uma sintética interpretação e reflexão do ambiente religioso visível em fotografias antigas de fiéis do município de Ji-Paraná/RO, sugerindo um olhar diferenciado para o entendimento de códigos culturais e perfis identitários.

FOTOGRAFIA E MEMÓRIA

A leitura de *Apologia da História, ou o Ofício do Historiador* de Marc Bloch (2002) nos possibilita a compreensão de que não existe um tipo exato, obrigatório e específico de documento para atestar os questionamentos históricos. Todos os documentos são proveitosos e dotados de significados. Apesar disso, para cada categoria de documento é necessário usar um mecanismo adequado de análise. Diante disso, o historiador deve conhecer os principais métodos de seu ofício e saber utilizá-los de modo peculiar para cada forma de documento. Como lembra Marc Bloch, “é indispensável que o historiador possua ao menos um verniz de todas as principais técnicas de seu ofício” (2002, p.81). Desta forma, esta análise pretende evidenciar a importância do uso da fotografia como elemento constituinte para a leitura histórica.

Segundo o pesquisador Jorge Pedro Sousa (2009), a fotografia é consequência de descobertas e inventos que aparecem dentro de um contexto positivista, amparadas na vontade progressiva do homem de encontrar uma forma mecânica de representação e reprodução do real. No decorrer do século XX, percebe-se o carácter artificial da fotografia e sua capacidade de transformar o mundo captado pela câmara, anulando de certa forma seu vínculo com o real.

Mas o que desejamos colocar em destaque não é um debate sobre a verdade fotográfica, mas a evidência de que a fotografia é um objeto daquilo que um dia existiu frente a câmera. A fotografia nos desafia a perceber o que está à vista na imagem, o que está oculto e o que resulta da fusão de diversos elementos simbólicos. John Tagg (1988) mostra justificativa para esta ideia argumentando que a fotografia é também uma verdade reduzida, que existe apenas nas fronteiras do enquadramento fotográfico e possui uma verdade vulnerável, com possibilidades de distorção e manipulação. Para o autor há sempre um contexto discursivo no qual a fotografia está inserida e que carece de análise e informações.

Os conteúdos das fotografias são alvos de divergentes interpretações, que se transformam conforme com o pensamento e a concepção político-ideológica do observador. Há sempre por trás das câmeras uma intenção, que precisa ser captada diante de uma análise mais crítica, pois algumas fotografias constituem um convite a prestar atenção, a refletir e questionar a condição em que foi efetuada.

Aparentemente a fotografia "congela" um momento. Mas sobre a perspectiva da análise fotográfica esse momento é "descongelado" para remetê-lo a dimensão da História, da cultura ou das relações sociais. O pensamento de que a fotografia é uma ação de "congelamento" configura-se em uma ideologia do ato fotográfico, concepção diferente da avaliação científica do que é a fotografia. Em vista disso, decodificar e interpretar o que se camufla por trás do visível e do fotografável continua sendo um desafio para os pesquisadores que usam as expressões visuais da fotografia como documento acerca da realidade social. Um desafio, sobretudo, metodológico.

Ampliando este raciocínio Kossoy afirma que:

Toda fotografia tem atrás de si uma história. Olhar para uma fotografia do passado é refletir sobre a trajetória por ela percorrida é situá-la em três estágios: 1º lugar uma intenção para que ela existisse; 2º lugar o ato do registro que deu origem à materialização da fotografia; 3º estágio os

caminhos percorridos por esta fotografia, as vicissitudes por que passou, as mãos que a dedicaram, os olhos que a viram, as emoções que despertou, os porta-retratos que a emolduraram, os álbuns que a guardaram, os porões e sótãos que a enterraram, as mãos que a salvaram (KOSSOY, 1989, p. 29).

realizando uma análise profunda e significativa dos componentes do arranjo fotográfico promovendo a desconstrução dos tempos da fotografia para compreender a realidade social, cultural, ou especificamente religiosa que ela pretende documentar, não há possibilidades de reviver o momento do ato fotográfico.

Entretanto, para Pierre Bourdieu (1989) o considerável da fotografia está no imaginário coletivo de que ela resulta, na imaginação que suscita. Para ele, é necessário ler a fotografia indiretamente, através da interpretação da vida social e suas conjunturas.

Kossoy (2002), afirma que memória e a fotografia muitas vezes se misturam. Os arquivos fotográficos também são fontes para conservar a identidade de uma sociedade e analisá-los é uma maneira de captar indícios esquecidos em diferentes tempos e espaços culturais. Ele afirma que:

Quando apreciamos determinadas fotografias nos vemos, quase sem perceber, mergulhando no seu conteúdo e imaginando a trama dos fatos e as circunstâncias que envolveram o assunto ou a própria representação (o documento fotográfico) no contexto em que foi produzido: trata-se de um exercício mental de reconstituição quase que intuitivo (KOSSOY, 2002, p.132).

Fotografias também auxiliam na compreensão da história de fatos que não se configuraram em depoimentos ou documentos escritos ou permite revelar aspectos que não foram elucidados em outras formas de registro. A fotografia enquanto evidência e, exclusivamente, um documento histórico, pode conter particularidades do instante capturado pela câmera, neste sentido, representa um fragmento da história geral.

A leitura da fotografia, especialmente em seus usos, nos comentários que provoca, nas recordações que proporciona, na vivência que fomenta, constitui uma das matérias-primas do conhecimento pertencente à composição social da realidade.

Segundo Pierre Nora (1993) este perfil de memória assenta-se no vestígio, no que há de mais tangível, pois a memória tem necessidade de suportes exteriores e de referências concretas. O que evidenciamos na memória é o espírito de identidade individual e coletiva, haja visto que a construção desta memória pessoal se produz em correspondência aos outros, a normas de aceitação, admissão e credibilidade, e ainda “a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irredutíveis.” (POLLACK, 1989, p. 9)

Numa coletividade que padroniza os comportamentos, que desenraiza, a composição de ambientes de memória surge como o desejo do grupo que se autorreconhece, tentando resgatar sinais de pertencimento. A fotografia constitui-se como um instrumento de sociabilidade. Nora expõe a busca de cada grupo em conservar sua memória, assegurando a preservação de sua identidade:

À medida que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se tornar prova em não se sabe que tribunal da história (NORA, 1993, p.15).

Dessa forma, fotografia torna-se um documento excepcional na materialização da memória, demandando, contudo, uma análise diferenciada. Cabe destacar, como lembra Bloch (2002), que nem sempre é aceitável confiar plenamente em sua fonte ou no documento analisado, nem desconsiderar tudo também. Em busca da farsa e do engano, o historiador precisa estar vigilante à manipulação de documentos alusivos à data, ao conteúdo e ao autor,

Como apontam Cardoso e Mauad (1997), o elemento primordial para se chegar ao que não foi instantaneamente evidenciado pela fotografia é permeá-la no cenário cultural em que foi produzida, e compreendê-la como uma escolha baseada na visão de mundo de quem a capturou. As situações importantes, onde sentimos a necessidade de imortalizar, a fotografia surge como um mecanismo para conservar viva a memória, manter valores em comum, e também externar a outros o modo de vida. E desse modo reviver a memória em lugares, objetos e ações.

É necessário considerar o fato de que nos últimos vinte anos, a fotografia deixou de ser um trivial mecanismo de ilustração da pesquisa histórica para apropriar-se de seu espaço como documento.

FOTOGRAFIA E RELIGIÃO

O homem busca desde o princípio dos tempos, explicações mitológicas para as incompreensões da vida, e a religião é um dos caminhos encontrados pela humanidade para buscar soluções acerca dos mistérios vivenciados. Para tanto o homem passou a organizar-se em grupos constituindo valores, implantando dogmas e realizando rituais. A crença, as peregrinações, as penitências e as orações são mecanismos de interação social e de bem-estar pessoal. Negros e brancos, ricos e pobres, agregam-se em meio às crenças para glorificar as divindades em que depositam esperanças e temores.

Vários movimentos religiosos existem excessivamente pelo país, originalmente inserida no período colonial, onde a presença católica era expansiva e regular, e sempre aliada a interesses políticos da coroa portuguesa. De acordo com Loureiro (1995), no território Amazônico as missões católicas, possuíam pelo menos dois objetivos: catequizar a população nativa consolidando a fé católica; e garantir a proteção do território colonial contra invasores estrangeiros. Neste caso as crenças e a religiosidade tiveram também relativa importância na organização socioespacial das cidades interioranas da região norte. Segundo Bordieu (1989), a religiosidade tem um efeito de aclamação quando estrutura um método de práticas religiosas e de representações, capaz de influir nas relações econômicas, políticas ou sociais da sociedade da qual faz parte.

Contudo, é fundamental compreender a religião como um elemento simbólico que subsiste socialmente e que na perspectiva histórica desempenha um papel relevante na reconstituição do passado. A esse respeito Castoriadis diz:

As instituições não se reduzem ao simbólico, mas elas só podem existir no simbólico, são impossíveis fora de um simbólico em segundo grau e constituem cada qual sua rede simbólica. Uma organização dada da economia, um sistema de direito, um poder instituído, uma religião existem socialmente como sistemas simbólicos sancionados (CASTORIADIS, 1982, p.142).

O vínculo entre a fotografia e os aspectos religiosos é tão efetivo quanto à relação existente entre a fotografia e os conceitos de modernidade, como sugere o sociólogo José de Souza Martins:

A fotografia não entra no Brasil pela porta estreita do moderno, escasso e limitado. Ela entra pela porta justamente larga da religião e da tradição, do papel fundante que o medo teve na religiosidade engendrada pela Contra-Reforma e pelo Concílio de Trento. Mesmo que o elitismo dos difusores da fotografia faça crer que era ela um momento de constituição do moderno no país. Era muito mais, um poderoso episódio adicional da constituição da modernidade, isto é, do hibridismo cultural bifronte e duplamente orientado tanto para o passado quanto para o futuro, tanto para o sagrado quanto para o profano (MARTINS, 2009, p. 77).

Cabe, portanto, um olhar mais delongado sobre as fotografias e, especialmente, sobre seus fragmentos textuais. As fotografias destacam as personalidades, suas instituições, as ações de fé e seus contextos. Desta forma, as fotografias que abordam a temática de religiosidade estão, na maioria das vezes, relacionadas a eventos do mesmo universo, tais como festividades natalinas, festa do padroeiro, procissões de Corpus Christi, finados, ou retratos de indivíduos vinculados à hierarquia das Igrejas.



Fotografia 1: Carreata de São Cristóvão, fotografia de Johannes Andreas Fuhrmann (IFRO, 2013).

A fotografia 1 é um exemplo de evento religioso de significativa relevância social e cultural. Trata-se de uma Carreata de São Cristóvão, realizada em Ji-Paraná (entre 1975 a 1980 aproximadamente). O autor da fotografia Johannes Andreas Fuhrmann retratou o momento em que os carros eram abençoados. Esse ritual, repetido anualmente, faz parte da cultura religiosa católica do município. Os fiéis

acreditam que as bênçãos sobre os veículos podem protegê-los de acidentes. O automóvel torna-se neste caso um objeto abençoado para os fiéis, que se sentem mais seguros aos dirigir sob essas bênçãos. Percebe-se uma força religiosa no imaginário dos fiéis.

De acordo com o sociólogo Émile Durkheim, além do objeto religioso apreciado em cada circunstância, a força religiosa não é peculiar no objeto, mas está associada a ele. Mesmo o objeto não possuindo características religiosas e pode adquirir um caráter sagrado para determinado grupo de sujeitos e não pra outro. (2000 apud ANDACHT).

Ainda nesta linha de reflexão, Pierre Bourdieu (1989), especifica os esquemas geradores das práticas das representações. Tais esquemas geradores, segundo ele, podem ser denominados de cultura, ou *habitus*. Bourdieu define *habitus* como um sistema de estruturas interiorizadas e “condição de toda objetivação”. Como representação a fotografia não pode ser separada do ato que a fundamenta, ou seja, também se fundamenta num *habitus*. Na sua dimensão de indício e de resquício a fotografia é sempre uma presença. Não supri a experiência vivida, mas a cada fotografia tirada uma nova experiência se constitui.

Para o semiólogo Roland Barthes, o atestado de presença, registrado na imagem fotográfica, a diferencia das demais imagens, sempre associadas aos signos icônicos:

A fotografia não fala (forçosamente) daquilo que não é mais, mas apenas e com certeza daquilo que foi[...]. Diante de uma foto, a consciência não toma necessariamente a via nostálgica da lembrança, mas a vida da certeza: a essência da fotografia consiste em ratificar o que ela representa[...] a fotografia é indiferente a qualquer revezamento: ela não inventa; é a própria autenticação; raros artifícios por ela permitidos não são probatórios; são, ao contrário, trucagens: a fotografia só é laboriosa quando trapaceia[...], ela jamais mente: ou antes, pode mentir quanto ao sentido da coisa, na medida em que por sua natureza é tendenciosa, jamais quanto a sua existência. Impotente para as ideias gerais (para a ficção), sua força, todavia, é superior a tudo o que o espírito humano pode, pôde conceber para nos dar garantia da realidade[...] Toda **a fotografia é um certificado de presença**. Esse certificado é o gene novo que sua invenção introduziu na família de imagens (BARTHES, 1984, pp.127-129. grifo nosso).

Nesta pesquisa as fotografias que serviram de base analítica foram retiradas dos álbuns de família dos moradores antigos de Ji-Paraná. Entendemos a constituição dos álbuns de família como um “certificado de presença”. Desde os corpulentos álbuns até o banco de imagens digitalizadas e difundido pela Internet, a

produção fotográfica no ambiente familiar pode ter mudado seu formato, contudo as intenções e as necessidades de registros são as mesmas. Como pondera Dubois:

Toda a prática do álbum de família vai no mesmo sentido: para lá das poses, dos estereótipos, dos clichês, dos códigos datados, para lá dos rituais de ordenação cronológica e da inevitável escansão dos acontecimentos familiares (nascimento, batismo, comunhão, casamento, férias, etc.) o álbum de família não deixa de ser um objeto de veneração, cuidado e cultivado [...] abre-se com emoção, numa espécie de cerimonial vagamente religiosos, como se tratasse de convocar os espíritos. Seguramente, o que confere um tal valor a esses álbuns não são nem os conteúdos representados, nem as qualidades plásticas e estéticas da composição, nem tampouco o grau de semelhança e realismo das fotografias, mas a sua dimensão pragmática, o seu estatuto de índice, o irreduzível peso referencial, o fato de se tratar de verdadeiros vestígios físicos de pessoas singulares que estiveram ali e têm relações particulares com os que guardam as fotografias. Só isso explica o culto de que são objeto as fotos de família (DUBOIS, 1992, p.73).

Como forma de expressão das sensibilidades religiosas a fotografia, tanto apresenta quanto representa as formas como cada grupo social, vivenciou as cerimônias e ritos da vida religiosa. É, a partir da dialética entre aquilo que a fotografia apresenta e aquilo que ela silencia, que refletiremos sobre as imagens produzidas pela sociedade.

Neste texto, nos propusemos a fazer interpretações, uma leitura de fotografias relativas ao mundo da fé na cidade de Ji-Paraná, e propor uma reflexão sobre a função documental da fotografia.

UMA BREVE ANÁLISE DA FOTOGRAFIA NO CONTEXTO HISTÓRICO-RELIGIOSO DE JI-PARANÁ/RO.

A migração de grande número de pessoas do nordeste, centro-oeste e do sul do Brasil para a Amazônia, a partir dos anos 50 e até hoje, pode ser metaforicamente comparada a uma imensa peregrinação em direção à terra prometida. A propaganda governamental difundia o ideário de oportunidades, de acesso a terra e as riquezas amazônicas. A Igreja exercia grande força na vida das pessoas nos anos iniciais da colonização do Estado de Rondônia e na Amazônia como um todo. Essa relação com o Divino, em variadas circunstâncias, foi registrada sob o olhar de uma câmera fotográfica dos primeiros colonos.

A pesquisa desenvolvida no Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Rondônia – IFRO, intitulado: Fatos e Fotos: Análise iconográfica da História de Ji-Paraná, revelou entre outras coisas o significativo valor que os imigrantes davam as fotografias relacionadas a aspectos religiosos. Guardada em álbuns familiares e servindo como mecanismos de lembranças de um tempo que não volta mais, essas fotografias escondiam um tesouro nas gavetas das cômodas de nossos pais e avôs (imigrantes, colonizadores). As fotos aqui reproduzidas comprovam esta riqueza de detalhes e informações.



Fotografia 2: Procissão Católica em Ji-Paraná em 1967, fotografia cedida por Zilda Almeida Ferreira (IFRO, 2013).

Na fotografia acima vemos uma Procissão Católica de inauguração da Igreja Matriz de Ji-Paraná em 1967, cedida por Zilda Almeida Ferreira que migrou do Sul para a região em 1963. Nela observase que os fiéis marcham em procissão por uma rua da cidade com pouca infraestrutura, exibindo nas vestimentas simplórias e nos pés descalços as marcas da pobreza, sinais de tempos remotos do início da colonização que revelam cenas de dias difíceis. Retratam também a importância da religião como evento cultural e antropológico. A beleza da imagem está no gesto, na intenção da captura desse momento, na crença. Apresentam a fé e a devoção como fonte de força e inspiração diante das precariedades vigentes.

O casarão evidenciado na Fotografia 2, feito em madeira com assoalho alto e telhado revestido de folhas do bacuri, pertencia a Volmar Meira, conforme

declaração de Zilda Ronconi. A maioria das casas tinham características similares, o que nos leva a concluir que os colonos viviam em acomodações simples, com pouca ou nenhuma posse. Verifica-se também ausência de saneamento básico. Em face dessas precariedades, a fé constituía-se num clamor ao Divino por melhorias e bênçãos. Revelam como grande parte da população se relacionava com o Divino. A foto nos remete à nossa cultura e à nossa História, em que a sociedade está refletida por meio de elementos visuais.

No período dos anos 60 o discurso nacionalista fortalecido pelo regime militar forçava a integração da Amazônia, sem levar em consideração os custos sociais e as condições econômicas dos colonos, que eram forçados pelas regras cruéis do capitalismo a ocuparem a região. A esse respeito Valdir A. Souza em sua tese de Doutorado intitulada Rondônia; uma memória em disputa, diz que:

Na ótica militar era necessário integrar a região atrasada **a qualquer preço** ao centro-sul industrializado. No período alguns bordões justificavam a política integracionista, “Integrar para não entregar” e “Terra sem homens para homens sem terra” eram os mais reproduzidos no Território de Rondônia (SOUZA, 2011, p.18, grifo nosso).

Esse “a qualquer preço” nos remete as comunidades indígenas que ocupavam a região e evidencia o equívoco dos governantes militares em classificar as terras de Rondônia como uma “terra sem homens”. A presença indígena na Amazônia é milenar, e no município de Ji-Paraná predomina as etnias Gavião-Ikolen e Arara-Karo. Entretanto, os interesses dos governos militares na região ignoravam essas comunidades de homens da terra. Nesse contexto, a religião constituiu um mecanismo de dominação étnico-cultural e controle dos povos da floresta. A evangelização dos povos indígenas desprezava seus costumes, atuando sempre no sentido de destruir sua cultura, utilizando o evangelho para justificar a escravidão. Documentos fotográficos evidenciam a adoção da religião como mecanismo de controle cultural dos povos indígenas em Ji-Paraná, representados na fotografia 3.



Fotografia 3: Ação missionária na Aldeia Gavião, fotografia cedida por Crispim Bispo Reis dos Santos (IFRO, 2013).

Nela observamos que os indígenas retratados encontram-se na presença de missionários, trajando roupas e aparentando adaptação aos costumes ocidentais. Alguns seguram nas mãos uma cartilha que provavelmente contenha os dogmas cristãos. A foto foi tirada pelo missionário Horst Stute em frente à Primeira Igreja Missionária na Aldeia Gavião por volta de 1970, conforme declaração do Senhor Crispim Bispo Reis dos Santos que nos forneceu a fotografia para análise. Horst Stute, missionário alemão, que com sua esposa Annette Stute (presente na fotografia, segurando uma criança), trabalhou por quarenta e três anos entre os índios Gavião. Embora a presença missionária retratada na fotografia seja relativamente recente, a prática do uso da religião como mecanismo de dominação étnico-cultural no Brasil e, sobretudo na Amazônia data do período colonial. Como narram Egon Heck, Francisco Loebens e Priscila D. Carvalho no artigo "Amazônia indígena: conquistas e desafios":

A participação da Igreja no processo, que teve nos jesuítas sua atuação mais marcante, presa à Coroa portuguesa pelo regime do padroado e movida pela missão de converter os índios ao cristianismo, foi incapaz de perceber o valor das culturas e, portanto, o projeto histórico desses povos. Mesmo assim, muitos missionários foram perseguidos, presos e expulsos porque denunciaram a violência e a injustiça praticadas contra os índios (HECK, LOEBENS, CARVALHO, 2005, 239).

É oportuno lembrar o pensamento militar que entendia que os índios seriam úteis para a defesa das fronteiras do país, e, portanto precisavam ser catequizados,

disciplinados. O artigo Amazônia indígena: conquistas e desafios (2005) destaca o pensamento do brigadeiro Protásio Lopes que, em 1979, fortalecia um discurso segundo o qual os índios eram considerados como "quistos étnicos" e uma ameaça à segurança nacional. Portanto, ações de cristianização dos povos indígenas eram incentivadas pelos governos militares a fim de subsidiar seus interesses na região.

Na fotografia, percebemos as normas culturais que nela se deseja incutir, e que de acordo com as expressões utilizadas por Ulpiano Bezerra de Meneses (2005), foram as eleitas dentro de um repertório de imagens simbólicas de poder. Nas entrelinhas da imagem, está a aproximação entre um projeto republicano, e militar e uma cultura Cristã, que se faz presente no discurso que acompanha a imagem acima. Os conceitos morais intrínsecos na religião determinam condutas que são seguidas pelos fiéis fervorosamente. Como lembra Cornelius Castoriadis:

Religião, esta instituição tão importante em todas as sociedades históricas. Ela sempre comporta (não discutiremos aqui os casos extremos) um ritual. Consideremos a religião mosaica. A definição de seu ritual do culto (no sentido mais amplo) comporta uma proliferação sem fim de detalhes; esse ritual, estabelecido com muito mais detalhes e precisão do que a Lei propriamente dita decorre diretamente de mandamentos divinos e por isso alias todos os seus detalhes são colocados no mesmo plano (CASTORIADIS, 1982, p.142).

Hannah Arendt (1997) alerta que a condição humana diz respeito às maneiras de viver que o homem impõe a si mesmo para garantir a sobrevivência. São condições que compõem a existência do homem e que variam de acordo com o lugar e o momento histórico do qual o homem está inserido. Partindo deste princípio todos os homens são condicionados, inclusive aqueles que condicionam os hábitos e costumes de outros se tornam condicionados pelo intrínseco ato de condicionar. Desta forma, somos condicionados duplamente, seja pelos próprios atos fundamentados a partir do que pensamos, ou pela conjuntura histórica e cultural.

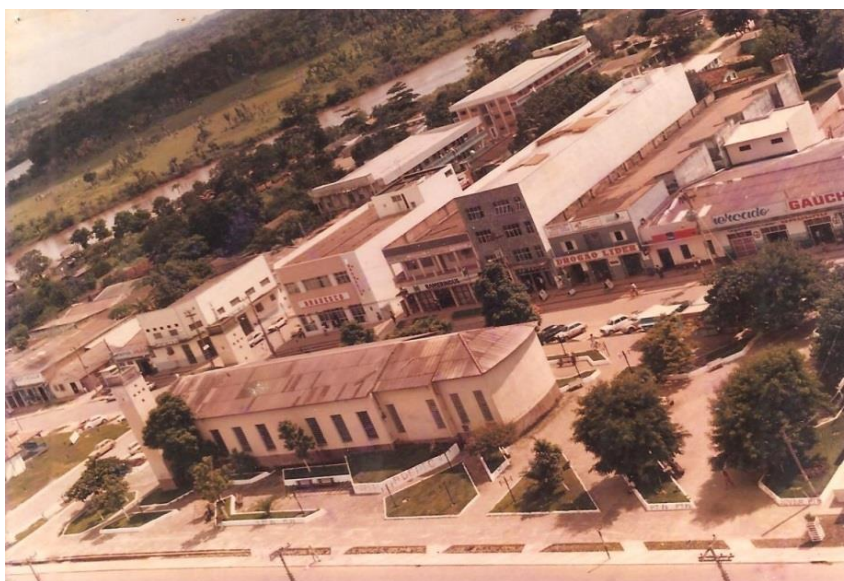
Vemos no discurso positivista de Araújo Lima o quanto a religião pode ser um fator condicionante, sobretudo se ligada aos interesses políticos e camuflada no conceito de nação.

O progresso étnico e psíquico de dada raça, ou melhor, de cada nacionalidade, não decidirá da sorte de sua civilização. Não mais prevalecerá a cultura que se não apoiar em sã moral; mas a sã moral política não poderá ser senão uma superestrutura, arquitetada sobre a base

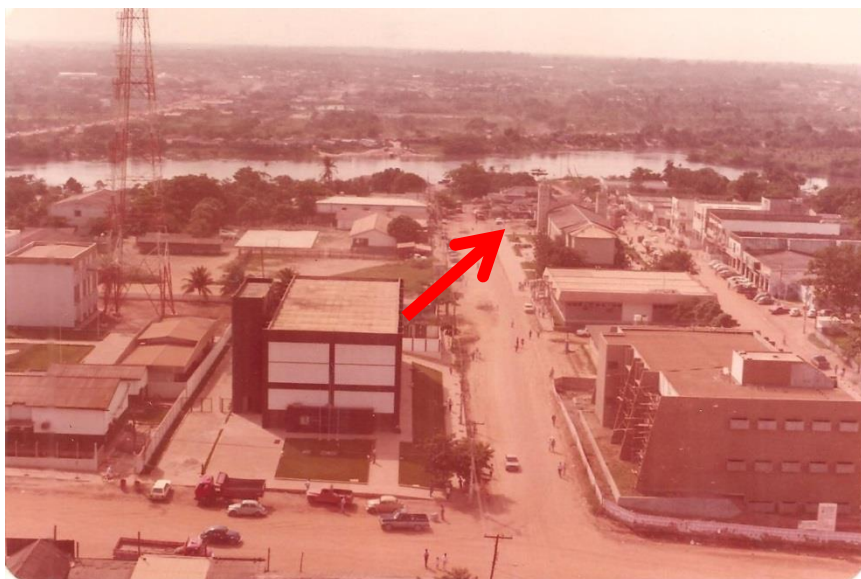
de uma **moral religiosa**, intrinsecamente integrada à consciência de nação. (LIMA, 1975, p.38, grifo nosso).

A associação da cidade de Ji-Paraná com a religião se deu desde os momentos iniciais de sua fundação, tanto no período de extração do látex como na exploração de diamantes e, sobretudo, quando os loteadores da cidade colocaram a colonização como uma obra patriótica, abençoada por Deus.

A colonização foi assim colocada como um plano patriótico criando condição de prosperidade ao povo. A Igreja exercia grande força na vida das pessoas, portanto localizada no centro da obra colonizadora. A Igreja torna-se assim um local de comunicação com os céus. Assim como o espaço sagrado é um lugar qualitativamente diferente de outros, adquirindo o status de centro do mundo, a Igreja, ou qualquer templo sagrado, adquire também o significado de centro, pois o centro é justamente o lugar onde se efetua a pregação, onde o espaço se torna sagrado.



Fotografia 4: Igreja Matriz Dom Bosco, no centro da cidade de Ji-Paraná – década de 90, imagem cedida por Bianca Bezerra (IFRO, 2013).



Fotografia 5: Imagem aérea da cidade de Ji-Paraná em 1981 revelando o crescimento da cidade em torno do centro onde fica a Igreja Matriz, imagem cedida por Valdemar Camata (IFRO, 2013).

A fotografia 4 indica essa realidade. Fornecida por Bianca Bezerra, encontrada no álbum de fotografias da família. Para quem assistiu a vila crescer em volta da praça da matriz, a Igreja, e sua praça, se tornava um espaço de construção de sociabilidades, ocupando o lugar central na cidade, com ruas mais largas no seu entorno. Herança que veio para o Brasil logo no início da colonização, pois regra geral, as igrejas ficavam nas praças principais ou em locais altos dentro da cidade. As praças eram cenários para encontros, cerimônias, etc.

O primeiro administrador de Ji-Paraná Abel Neves, nomeado em 1969, relata na obra “A caminho de Ji-Paraná” (1985), a importância da Igreja Matriz como ponto de referência inclusive para tratar de temáticas políticas. Preocupado com o destino da vila e o abandono das autoridades ele descreve:

Outro foi o Capitão Sílvio Gonçalves de Farias. À noitinha, **nos encontramos em frente da igreja matriz que estava em construção.** (...) Enquanto eu me queixava do abandono, pelas autoridades do governo, da nossa Vila, ele me consolou, dizendo o seguinte: _ O governo não vai mais empregar nada aqui, Abel. A cidade é Ouro Preto. Isso aqui vai se acabar, porque assim o governo quer. Eu senti o sangue subir e as orelhas se aquecerem. E disse-lhe: _ Capitão, **só quem pode acabar com Vila de Rondônia é Deus, com uma praga de gafanhotos como fez no Egito nos tempos dos faraós** (NEVES, 1985, p. 74, grifo nosso).

A citação acima revela a “Igreja” como local para tratar de assuntos políticos, “Deus” como esperança e a “Bíblia” como referencial teórico dos colonizadores, quando destaca a “praga de gafanhotos no Egito”. A doutrina católica perdurava nas

relações sociais cotidianas, reflexo de sua presença ao longo da história brasileira, determinando parâmetros morais e éticos para o condicionamento do comportamento coletivo. Claro que a organização política e econômica refletiu algum destes aspectos supracitados.



Fotografia 6: Imagem frontal da Matriz Dom Bosco, cedida pela Sr.^a Dolores Sandri Schuler (IFRO, 2013).

Outro exemplo é o casal Dolores Sandri Schuler e Silvério Camini, acompanhados da filha Letícia Camini que compõem a fotografia 6 em frente a Igreja Matriz Dom Bosco. A fotografia foi capturada em 1996, ano em que a família migrou do Rio Grande do Sul para Rondônia. A intenção da fotografia era registrar a primeira missa que assistiram na cidade. Fica evidenciado a necessidade do registro como forma de demonstração de suas crenças, a busca de bênçãos para a empreitada nova da família que buscava trabalho e melhorias financeiras.

O catolicismo intimamente ligado ao passado brasileiro, mantinha-se presente nas relações sociais do cotidiano, mesmo que não oficializado com o regime republicano, servindo como padrão ético e estabelecendo conexões, até mesmo, com a legislação política. Basta rememorar o reconhecimento da equivalência do casamento no religioso e no civil, presente na Constituição de 1934, onde “qualquer confissão religiosa, cujo rito não contrarie a ordem pública ou os bons costumes, produzirá, todavia, os mesmos efeitos que o casamento civil” (art.146 § 1).



Fotografia 7: Enlace matrimonial religioso católico em 1971, fotografia cedida por Elisa Pego (IFRO, 2013).

A fotografia 7, revelada a partir de um monóculo antigo, foi capturada em 4 de setembro de 1971 no momento em que Elisa Pego assina o livro matrimonial oficializando seu casamento religioso com Amaurindo Raymundo na Igreja São João Bosco de Ji-Paraná. Conforme relato de Elisa Pego, tratava-se de um casamento entre imigrantes, ele proveniente do Estado do Rio de Janeiro e ela do Estado do Paraná. Havia um forte movimento migratório para Rondônia e Ji-Paraná na época era uma das cidades que mais recebiam imigrantes.

Atualmente, a Religião é um direito garantido do homem, independentemente de suas formas de expressão. De acordo com o artigo 5º da Constituição Brasileira (1988), todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, destacando os termos seguintes:

- VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;
- VII - é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva;
- VIII - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei; (BRASIL, 1988, art 5º).

Apesar do direito assegurado por lei e da cultura religiosa brasileira ser marcada pelo sincretismo, ainda se vê muitos casos de discriminação e preconceito, a exemplo de algumas seitas que sofrem represálias e são malvistas por parte da sociedade.

A presença de Templos religiosos evangélicos denota, que mesmo sobre influência marcadamente católica na constituição Histórica de Ji-Paraná o movimento protestante conquistou um espaço significativo no ideário religioso da cidade.



Fotografia 8: Igreja Congregação Cristã do Brasil em 1992, imagem cedida por Levy Ozolino de Araújo (IFRO, 2013).



Fotografia 9: Igreja Assembleia de Deus, Fotografia feita em 1982, mostra um grupo de senhoras do círculo de oração (IFRO, 2013).

As fotografias acima evidenciam o desejo dos fiéis de guardar lembranças ou recordações de seus templos, dos grupos ou indivíduos que constituem comunidade religiosa. As imagens espelham a Igreja enquanto lugar institucional merecedor de ser exibido e reconhecido, seja pela estética, seja pelo seu conteúdo histórico sociocultural. As primeiras igrejas construídas em madeira (exemplo da fotografia 8), edificadas com as mãos calejadas dos fiéis nos remete a passagem bíblica descrita no Antigo Testamento da Bíblia Sagrada (1982): “Da mesma sorte revestiu também os vinte côvados dos fundos da casa com tábuas de cedro, desde o soalho até o teto: e esse interior ele constituiu em santuário”(1Reis 6,16). De certa forma a edificação das igrejas era uma tentativa de imposição social que indicava aos fiéis o dever a ser cumprido e a devoção a ser mantida. Mais que uma casa de instrução dos bons costumes, a igreja advertia à sociedade os valores socioculturais morais que deveriam ser vivenciados. Atuam também como signos de pertencimento a certa comunidade de iguais, marcas de formação e identidade de um grupo social.



Fotografia 10: Praça da Igreja Matriz Dom Bosco em 1982, imagem capturada por Naôr Rodrigues Décimo (IFRO, 2013).



Fotografia 11: Praça da Igreja Matriz Dom Bosco em 2000, fotografia cedida por Creuza de Jesus (IFRO,2013).

A Catedral Dom Bosco no centro da cidade evoca uma estrutura de poder institucionalizada. Segundo Abel Neves, o Padre Adolf Rohl primeiro padre da vila, na época da construção da primeira igreja solicitava altivez na edificação. “Lembro-me que uma de suas preocupações era com a torre da igreja matriz, que ele construiu com Raul Moreda. Ele queria que a torre ficasse mais alta do que a da Igreja Batista...” (NEVES, 1985, p.95). As imagens apresentadas neste estudo, fixada nas fotografias acabam por recriar espaços da cidade e passa a ser testemunha de suas transformações, fazendo parte da paisagem urbana e se tornaram presente nas lembranças de todas as pessoas da comunidade.

Outro aspecto merecedor de destaque na análise de fotografias ligadas ao ambiente religioso é a figura do líder religioso. Para os fiéis representam um indivíduo dotado de carisma, profeta, um grande comunicador, portador de uma mensagem divina. Os dirigentes religiosos recebiam, em várias ocasiões, um tratamento equivalente ao das grandes autoridades políticas.



Fotografia 12: Bispo Dom Antônio Possamai no Teatro Dominginhos em 1998, imagem cedida por Rochylane L. Rocha (IFRO,2013).

Este tipo de fotografia caracteriza-se por delinear as relações de poder das instituições religiosas, motivada e mantida, principalmente por princípios morais. Um exemplo é o Bispo Dom Antônio Possamai, que foi o primeiro bispo de Ji-Paraná. A imagem foi capturada em 1998 e cedida por Rochylane Lima da Rocha. Na ocasião o pároco fazia reflexões junto aos fiéis sobre o verdadeiro sentido do Natal. Na memória histórica das instituições, bispos, padres, pastores, freiras são lembrados pelo trabalho, pela dedicação e pela colaboração prestadas às comunidades.

O líder religioso era o responsável pela nobre missão da formação evangelizadora dos cidadãos. Suas ações e pregações impregnavam o ideário cristão como um mecanismo de controle social e cultural. Apesar de todas as dificuldades que ainda poderiam encontrar, era considerado digno de todo respeito, reconhecimento, admiração e obediência. Os retratos desses líderes inspiram a memória daqueles que doaram a vida em anos de trabalho e dedicação à causa da instrução cristã. Mesmo sendo retratos individuais, essas fotografias referem-se à identidade coletiva da cidade, e convertem o sujeito em uma categoria institucional.

Assim, percebe-se que o ato de registrar fatos importantes é uma forma dos homens comprovarem suas trajetórias e realizações. Como meio de recordação ou documentação da vida familiar e também religiosa, como meio de informação e divulgação de fatos ou mesmo como instrumento de pesquisa científica “a fotografia tem feito parte indissociável da experiência humana” (KOSSOY, 1989, p.155).

Considerações Finais:

Neste estudo não procuramos somente fazer uma análise para entender mais sobre as fotografias enquanto produto do passado, mas a partir de um olhar apurado ser capaz de identificar e refletir sobre os comportamentos sociais, suas relações simbólicas, as estruturas de poder e, sobretudo aspectos culturais e identitários registradas pelas fotografias. Neste caso, caracterizado por fotografias ligadas à religião de Ji-Paraná.

A concepção de cultura e o entendimento das normas ligadas ao meio religioso são complexas e heterogêneas, mas substancial para entender a progressiva dinâmica social que se materializa entre os indivíduos. Entendemos a cultura como uma soma de dimensões materiais e imateriais, que identificam um determinado grupo, que partilha das mesmas crenças. Neste contexto, ao investigar aspectos religiosos afirmada nas representações fotográficas do município de Ji-Paraná, notabilizamos um código de condutas e práticas que caracteriza e expressa a sua identidade cultural.

As fotografias religiosas são mais que um vestígio, que um testemunho, pois a intensidade imagética não pode ser redutível a palavras. Neste sentido este trabalho compreende uma ação de leitura de imagens religiosas, como tentativa de dar voz e explorar esses pedaços de cenas congeladas. Por conseguinte, o acervo reunido constitui, simultaneamente, um conjunto iconográfico e um espaço privilegiado de reflexão. As imagens carregam em si as marcas de um tempo vivido, de um tempo religioso munido de significação e cultura próprias.

Acreditamos que há um campo de dimensões testemunhais e documentais em que a fotografia está inserida, que necessita ainda de maior consolidação analítica e teórica. Como Bloch nos alerta, “a História, não esqueçamos, ainda é uma ciência em obras” (2002, p.151), e cabe a nós colocarmos as mãos à obra, para realizá-la, da maneira mais sublime e adequada possível. “Ela é uma vasta experiência de variedades humanas, um longo encontro dos homens. A vida, como a ciência, tem tudo a ganhar se esse encontro for fraternal” (BLOCH, 2002, p.128).

Os documentos fotográficos que utilizamos neste estudo evidenciam que há na constituição das instituições religiosas do município de Ji-Paraná/RO, espaços de tradição e história, que estão inseridos no imaginário dos fiéis. A instituição desses

espaços de referência colabora para o fortalecimento da ideia de pertencimento e valorização da memória coletiva dos indivíduos, além de ser também uma estratégia de controle social e manutenção da fé entre os cristãos.

REFERÊNCIAS

- ANDACHT, Fernando. *Ciberespaço e cibersagrado como a nova e maior assembleia política religiosa de nosso tempo*. Palestra proferida no Seminário "Mídia, Política e Religião", pós-grad. ECO/UFRJ, set. 2000.
- ARENDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense, 1997.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Tradução: Centro Bíblico Católico. 34. ed rev. São Paulo: Ave Maria, 1982.
- BLOCH, Marc Léopold Benjamin. *Apologia da História*, ou o Ofício do Historiador. Tradução: André Telles, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva S.A. 3ª ed. 1992.
- BRASIL. Presidência da República. *Constituição (1937)*. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1934. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Constituicao34.htm>. Acesso em: 24 jul. 2014.
- BRASIL. Presidência da República. *Constituição (1988)*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Constituicao88.htm>. Acesso em: 24 jul. 2014.
- CARDOSO, Ciro F. e ANDRADE, Ana Maria Mauad. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. Em: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.) *Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 401-417.
- CASTORIADIS, C. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*, Lisboa: Difel, 1989. P.20

- DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico*. Lisboa: Veja, 1992.
- HECK, E. , LOEBENS F. E CARVALHO, P. D. *Amazônia indígena: conquistas e desafios*. Estud. av., Abr. 2005, vol.19, no.53, p.237-255. ISSN 0103-4014
- IFRO – Instituto Federal de Rondônia. *Fatos e Fotos: análise iconográfica da História de Ji-Paraná*. Banco de imagens fotográficas, 2013.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo; Ática, 1989.
- _____. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.
- LIMA, A. *A Amazônia, a terra e o homem*. Col. Brasileira, vol. 104, São Paulo. Cia. Editora nacional, 1975.
- LOUREIRO, J. de J.P. *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*. Belém: CEJUP, 1995.
- MARTINS, José de Souza. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto 2009.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Rumo a uma “história visual”. In: MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornélia; NOVAES, Sylvia Caiuby (org.). *O imaginário e o poético nas Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC, 2005, p. 33-56.
- NEVES, Abel. *A caminho de Ji-Paraná, Gráfica e Editora Regional*. Brasília, 1985.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Em: *Projeto História*. nº 10, 1993.
- POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Em: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, 1989, v. 02, nº 03.
- SOUZA, Valdir Aparecido de. *Rondônia, uma memória em disputa*. Tese de doutoramento em História pela UNESP – Assis, 2011.
- SOUSA, J. P. *História crítica do fotojornalismo ocidental*. Chapecó: Griphos, 2004.
- TAGG, J. *The Burden of Representation: Essays on Photographies and Histories*. Basingstoke: Macmillan, 1988.

NOTAS

ⁱ Professora de História do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Rondônia – campus Ji-Paraná e Mestranda do programa de Pós-graduação em História e Estudos Culturais na Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

ⁱⁱ Doutor do Departamento de Ciências da Educação da Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

ⁱⁱⁱ Doutora do Departamento de História da Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

Received on July 30, 2015.

Accept on August 10, 2015.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.